3.º Anno — DOMINGO 24 DE ABRIL DE 1910 — N.º 18

# CORREIO DO VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 54 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

## CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Acabo de lêr, agora mesmo, num jornal da noite, o extracto da sessão parlamentar de hoje.

Confesso-lhe que, desprezando eu, d'ordinario, os *casos politicos* do meu paiz, esperava agora com anciedade as ultimas informações sobre a questão Hinton que, ao principio, um *caso politico* me pareceu.

E esperava-as anciosamente, porque as declarações, feitas por Affonso Costa na quarta-feira, deixaram-me vêr o verdadeiro aspecto sob que a questão deve encarar-se— o aspecto moral.

Declarára Affonso Costa que tinha em seu poder documentos altamente compromettedores para varias individualidades palacianas e politicas. Deixára perceber que portuguezes haviam traído, por dinheiro, a sua patria.

Desde logo, este ponto se tornou absolutamente indispensavel liquidar: as palavras de Affonso Costa representavam a verdade ou eram uma simples mistificação?

No primeiro caso, os delinquentes deveriam ser perseguidos por todos os meios legaes e justos. Se por ventura alguma vez fizeram parte do poder d'elle deveriam ser affastados para sempre.

No segundo, o deputado republicano deveria perder a confiança do paiz, deveria perder o direito de voltar a representa-lo. Não póde merecer a confiança da nação quem, por meio da mentira, concorre para o seu sobresalto, para a sua decadencia, para a sua paralisação.

Revestia, portanto, a questão um aspecto muito grave.

Factos anteriores me advertiam de que não deveria repugnar-me acreditar que as revelações de Affonso Costa eram verdadeiras. Ainda não vae longe a epoca em que a questão dos adeantamentos foi debatida no parlamento e na imprensa. Questão sempre opportuna, porque ainda não foi resolvida. Questão essencialmente moral que muito depõe contra os homens que nos têm governado, talvez contra o caracter nacional, degenerado, deturpado, pela educação firmada em deleterios exemplos impressivos e fecundos

Mas quiz esperar. Embora os precedentes me auctorisassem não formulei opiniões antecipadamente.

Não devo, talvez, formula-las ainda, porque escrevo sob as primeiras impressões que me deixou a leitura do extracto da sessão d'hoje, feito, decerto á pressa, e, portanto, incompleto.

Mas, se de as formular eu precisasse, diria o que nenhuma originalidade tem mas que, infelizmente, muita gente pretende occultar: a nossa crise é essencialmente moral.

Esta profunda decadencia, que vem de longe, affecta toda a sociedade portugueza.

De nada valerão reformas politicas, emquanto se não regenerar o caracter nacional — e não são, decerto, formulas, que hão-de regenera-lo.

Onde estará, pois, a solução para o gravissimo problema?

Fallam alguns espiritos nobres e generosos num trabalho de completa remodelação do caracter por meio d'uma larga e intensa educação. Trabalho este lento, demorado, e em grande parte improficuo porque tem a contraria-lo o exemplo funesto e dominante dos politicos.

Caminhar-se-ia mais desembaraçadamente, se todos pudessemos educar-nos a nós mesmos, furtando-nos a influencias deleterias, isolando-nos, e indo inspirar os nossos actos nas lições que nos legaram os homens que foram grandes pelo que escreveram e mais ainda pelo que fizeram.

Celebra-se, agora, exactamente, o centenario d'um de esses homens—Herculano.

No seu tempo, como no nosso, a decadencia era grande. Mas nunca elle teve uma transigencia, jamais applaudiu, ou, ao menos, com o seu silencio, encobriu uma infamia. O seu isolamento mesmo não significa abdicação das suas ideias, mas o protesto mais fecundo contra a corrupção. O mais fecundo, porque hoje, levantando a sua nobilissima figura muito acima do estado de dissolução que a sociedade portugueza atravessa, dá vontade tambem de fugir, para iniciar, á parte, uma vida nova...

Oxalá o antigo caracter nacional resurja sob a influencia poderosissima da memoria do que foi o maior dos portuguezes do seculo XIX!

Só assim terá merecimento a celebração do seu centenario que, desgraçadamente, coincide com um incidente da nossa vida politica que revela d'uma maneira clara quanto aquelle resurgimento é preciso.

Seu do coração

*A. B. C.*

22—4—910

## GAZETILHA

A passada gazetilha
Sahiu-me tal maravilha
De informação,
Que é de ver o corropio
De gente a correr a fio
Num alegrão,

A surtir-se, a pau e corda,
Do sôr Vicente Taborda,
Que se vê nellas,
P'ra aviar a freguezia
Que entra até na mercearia
Pelas janellas.

O Zé Magalhães então
Tem vendido tanto pão
Ha sete dias,
Que pôz murchinhos e mônos
Todos os outros mais donos
De padarias.

Liborio Rocha e Saldanha
Andam em palpos de aranha
Com tantas vendas;
Teem já mil officiaes
E precisam metter mais
P'r'as encommendas.

E' tão grande a romaria
A' galante doceria
Do nosso Lemos,
Que os corpos da guarnição
Agora de prevenção
No Porto temos.

Finalmente, o reboliço,
Que El-Vidalonga com isso
Causou, foi tal,
Que não se apanha maneira
De ver-se qualquer sopeira
Com *mancipal*.

Esqueceu-se num momento
Cometa, Hinton, Parlamento,
E fez-se bem.
Ficarão podres de ricos
Todos esses demonicos
Como ninguem.

E digam lá com franqueza:
A quem devem a riqueza?
A' gazetilha.
Por isso se qualquer bella
O coração der por ella,
De tudo pilha.

23-4-910.

EL-VIDALONGA.

---

Prevenimos os nossos obsequiosos assignantes de Manaus (Brazil) de que está encarregado de mandar fazer a cobrança o sr. Domingos Tavares da Silva Junior.

A todos, desde já, os nossos mais vivos agradecimentos.

## ASSUMPTOS LOCAES

Concorreu o Rev.mo Bispo d'Angola e nosso illustre amigo, sr. D. João Evangelista, com a avultada quantia de dez mil reis para a subscripção destinada a adquirir uma bandeira para a escola do sexo masculino desta villa.

O acto do nobre Prelado constitue uma bella prova de generosidade. Seria bastante para o impor á sympathia desta terra, se porventura elle já não contasse aqui muitas affeições.

Não ficaria a nossa consciencia socegada, se deixassemos passar o ensejo de mais uma vez exprimir a nossa opinião de que dotar apenas uma das escolas com bandeira tem pelo menos este inconveniente que não é pequeno: tornar tristes as creancinhas da outra.

Talvez com um pequeno sacrificio se podesse evitar isto. Pela nossa parte, da melhor vontade o fariamos.

Uma bandeira vale apenas pelo que significa, pelo que symbolisa. De modo que não é preciso que custe muito dinheiro para ser respeitada.

Para a escola primaria duma terra pequena e pobre, está naturalmente indicada uma bandeira simples e modesta. Coisa de luxo destoaria.

Desta maneira, arranjar dinheiro para duas bandeiras— não será muito difficil, tanto mais havendo quem subscreva generosamente, como acaba de fazer o sr. D. João Evangelista.

Mas... a commissão resolverá. A nossa opinião, que ella bem conhece, ahi fica exposta, mais uma vez.

*

Por mais d'uma vez chamámos a attenção do nosso presado amigo e prestimoso conterraneo, sr. Avelino Dias de Figueiredo, para o estado lastimavel em que se encontravam algumas ruas, especialmente a da Balça.

Bem sabiamos nós que as nossas palavras não eram baldadas. O sr. Avelino de Figueiredo, zelosissimo pelo que interessa ao desenvolvimento da sua terra, não deixaria de attender ás nossas reclamações que eram inteiramente justas.

Assim aconteceu.

Devem ficar brevemente concluidos os trabalhos de reparação da referida rua da Balça que foi toda empedrada de novo, desde a praça até ao Cruzeiro que, segundo nos informam, o sr. Avelino pensa em fazer desapparecer, com o intuito, decerto, de alargar a rua.

Já em tempos nos referimos a este ponto. Repetiremos o que então dissemos: se ha necessidade de alargar a rua, e é impossivel fazêl-o sem deitar abaixo o cruzeiro, merece os nossos applausos a iniciativa do sr. Avelino de Figueiredo.

*

Já foi entregue ao sr. Governador Civil, para a fazer seguir o seu destino, a representação, a que nos referimos num dos ultimos numeros, feita pela junta de parochia, pedindo a reparação do rombo da margem esquerda do rio Vouga que está a prejudicar, pelo assoreamento, grande numero de propriedades do campo.

Como toda a gente reconhece, aquella reparação torna-se urgente. Bom será que as instancias superiores, prevenidas de tão grande necessidade, não façam demorar as providencias.

*

A camara municipal d'Aveiro approvou, na sua ultima sessão, a planta da projectada rua, em linha recta, da casa do sr. José d'Almeida Barbosa á Rua Avelino de Figueiredo.

E' um melhoramento de muita importancia e de reconhecida necessidade.

Approvada a planta, segue-se realisar a obra. Muito para agradecer será que a Camara tome depressa deliberações neste sentido.

*

Por iniciativa do sr. Avelino de Figueiredo, iniciativa que o sr. Conde d'Agueda patrocionou com o interesse que costuma sempre revelar quando se trata de assumptos de utilidade publica, foi estudada e approvada uma variante da linha do Valle do Vouga, destinada a poupar a fonte d'esta villa, e o coradoiro que junto d'ella existe.

O serviço que o nobre governador civil acaba de prestar a esta terra é importante e vem juntar-se a muitos outros que ella lhe deve.

Pela nossa parte, não regatearemos a S. Ex.ª louvores nem saberemos esconder o sentimento de gratidão que nos merece.

Dirá S. Ex.ª que é pedir de mais, mas não resistimos a lembrar-lhe que constitue uma das maiores aspirações d'esta terra, representa uma das suas mais urgentes necessidades, a construcção d'uma fonte, na rua principal.

Não é a primeira vez que fallamos deste assumpto. Não reeditaremos, por isso, as muitas razões que tornam inadiavel aquelle melhoramento.

Com elle se gastou já, em tempos, algum dinheiro. Cremos que o serviço, que está feito, póde aproveitar-se. Deste modo lamentavel será que se deixe inutilisar.

Informam-nos de que se pensa em dirigir ao sr. Conde d'Agueda uma representação, pedindo-lhe que interceda perante o governo, a ver se se consegue levar a cabo os trabalhos encetados, já ha alguns annos.

Confiamos na boa vontade do sr. Conde d'Agueda. Não ha-de ser por culpa sua que os desejos desta terra ficarão por realisar.

## NOTICIARIO

**Fallecimentos** — Falleceu em Faro, no dia 15, victimada por uma pneumonia dupla, a sr.ª D. Rosa Fernandes d'Almeida Liborio, esposa do nosso presado conterraneo e importante proprietario, sr. José Liborio.

O cadaver da saudosa extincta, a qual contava 58 annos, foi trasladado para aqui, ficando depositado em jazigo de familia.

A' estação d'Aveiro fôram aguardar o feretro o digno parocho d'esta freguezia e os srs. major David Ferreira da Rocha, Aristides Dias de Figueiredo, José Fortunato Coelho de Magalhães, Sebastião Rodrigues de Figueiredo, Paulo Moreira, Armando e Sebastião de Carvalho, João Nunes Fernandes Junior, Manuel Rodrigues Fernandes Junior, Manuel Marques Ferreira, Matheus Rodrigues, Francisco Delgado e José Francisco Coelho, todos d'aqui, e os srs. Manuel Maria Amador e dr. Graça, d'Alquerubim.

O funeral, realisado no dia 17, foi muito concorrido. A's borlas do caixão pegaram os srs. major David Rocha, Manuel Maria Amador, Sebastião Rodrigues de Figueiredo e Aristides Figueiredo.

A illustre extincta, que era uma senhora muito respeitada pelos dotes do seu espirito e do seu caracter, deixa profundas saudades em todas as pessoas que com ella conviveram.

Ao sr. José Liborio e demais pessoas enluctadas enviamos sentidos pesames.

*

No dia 27 celebram-se, na egreja d'esta freguezia, solemnes exequias por alma da virtuosa e illustre senhora, cujo fallecimento acima noticiamos.

—Falleceram, nesta villa, respectivamente nos dias 17 e 21, as sr.as Rosa Correia d'Oliveira e Liberata Rodrigues de Jesus. A primeira, que ha muito tempo estava de cama, era viuva do sr. Manuel Luiz de Pinho, fallecido ha annos. A segunda era tia do sr. Manuel Marques Rodrigues.

A ambas as familias enluctadas, enviamos pesames.

—Depois de longo soffrimento, falleceu no dia 20 o nosso conterraneo sr. Manoel Rodrigues Fernandes, irmão do importante proprietario sr. João Rodrigues Fernandes.

Gosava o extincto da estima e consideração de todas as pessoas que o conheciam, sendo, por isso, muito sentida a sua morte.

A toda a familia enluctada, especialmente á viuva, a sr.ª Margarida Vieira, e ao sr. João Rodrigues Fernande,s irmão do extincto, apresentamos sentidas condolencias.

**Baptisado** — Na egreja desta freguezia baptisou-se ultimamente um filho do nosso amigo e acreditado negociante sr. Lucio da Costa Santos. Recebeu o nome de Amadeu. Foram padrinhos o sr. José Ayres de Carvalho e a menina Margarida Vieira de Carvalho.

**Chantecler** — Esta famosa peça de Rostand subiu ha dias á scena em Lisboa, no theatro D. Amelia, sendo muito pateada.

Parece que os portuguezes têm mais juizo do que se diz...

**Nomeação** — Foi nomeado sub-inspector interino do circulo escolar da Figueira da Foz o nosso amigo sr. Duarte Mendes da Costa, digno e illustrado professor da Escola Districtal de Beja, que exerceu com muita proficiencia durante algum tempo o cargo de director da de Aveiro.

Ao sr. Mendes da Costa, muitos parabens.

**Adiamento de côrtes?** —Quasi á hora do nosso jornal entrar na machina, lêmos no *Primeiro de Janeiro* a seguinte noticia, enviada de Lisboa pelo telephone:

**Lisboa, 22** —Segundo acabo de saber de fonte segura o governo apresenta amanhã ao conselho de estado o pedido de adiamento das côrtes para 6 de junho, no intento de pôr termo á effervescencia politica que está lavrando.

No entanto, ao que consta, isso não serve senão para adiar os acontecimentos graves que se estavam desenrolando, visto que o sr. Dr. Affonso Costa guardará para então a leitura das restantes cartas que possue.

**Desastres** — Do nosso presado collega *Soberania do Povo* transcrevemos o seguinte:

Na tarde de sabado deram-se dois desastres nas obras do caminho de ferro do Valle do Vouga, a poente e norte desta villa.

O primeiro foi no cabeço da Ruiva, perto do logar do Cazaiuho. Sobre um trabalhador, que com outros descarregava uma vagoneta, caiu uma pedra bastante volumosa que o prostou, soffrendo muitas contusões e ficando quasi sem sentidos.

O segundo foi na Mourisca, onde uma creança de tres annos de edade, filho de Antonio Francisco Nunes, que com outros brincava, ficou com o dedo polegar da mão direita quasi esmagado, pois que lhe ficou entalado numa vagoneta.

Ambos os feridos foram pensados pelo sr. dr. Albano Pereira dos Santos.

### SUBLIME LOUCURA

Fujo-te e, louco, não descanço emquanto
Não volto a ver-te!
E' que, não sabes como te amo tanto,
E tenho medo, pomba, de perder-te!

Se me faltasse a luz do teu olhar,
Astro brilhante
A illuminar-me a vida, immenso mar
Sem calmaria um só instante,

Eu não posso saber, nem saber quero,
Quanto soffrer
Quanta amargura e quanto desespero
Minha alma sentiria! Antes morrer!

Por isso fujo e não descanço emquanto
Não volto a ver-te
E' que, já sabes, te desejo tanto
P'ra pôr-te em fricassé, depois comer-te.

Abril 910 PRISCO.

### *AS MINHAS CARTAS*

VI

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada;...
Cam. *Lus.* c. x, est. CLV.

A obra e a vida de Herculano em duas palavras se resumem: grandeza moral.
*Guerra Junqueiro.*

Soldado intemerato nas luctas liberaes e poeta d'alma, historiador profundo e romancista vigoroso, jornalista eximio e dramaturgo consciente, parlamentar sincero e patriota encendrado, tudo isto foi, e mais ainda, Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo!

Caracter extraordinariamente grande e nobre, entre os maiores e mais nobres do nosso Portugal!

Trabalhador proficuo, analysta fino, psychologo ponderado, espirito assimilador!

A Revolução Franceza alastrava-se por toda a Europa. Em 1807 as hostes napoleonicas invadiram Portugal e as aguias do Côrso substituiram, nas fortalezas de Lisboa, as quinas nacionaes. A' maior revolução, pelas armas, nos tempos modernos, ia corresponder a revolução nos espiritos, bem mais ampla do que a primeira. O *romantismo* viria restaurar as lendas e tradições da Edade-Média.

O grito levantado na Allemanha, contra o classicismo, radicava-se com Goethe e Shiller.

E se a França, no tempo do Consulado, perseguia Staël, que recebeu fóra da Patria a influencia da nova corrente litteraria, e lh'a transmittiu no seu livro *De l'Allemagne*, secundando-a na diffusão da *nova idéa* o genio poderoso de Chateaubriand, Portugal recebeu tambem o influxo d'esse movimento de dois dos seus filhos emigrados: de Garrett e de Herculano. Castilho completou com elles a trindade apostolica do *romantismo* em Portugal.

Em 1810, nascêra Herculano havia apenas mezes, o exercito de Napoleão o Grande — o terror da humanidade, — commandado pelo *deus da victoria*, foi derrotado no Bussaco pelos anglo-lusos. A Inglaterra ficou a governar-nos depois d'isso; mas a idéa de liberdade e de independencia tinham tomado corpo em toda a Europa, e Portugal reagiu contra a oppressão ingleza. O mallogro de 1817 foi o grito da revolução de 1820, que nos libertou da auxiliar egoista.

Erguia-se a liberdade e começava a empallidecer o absolutismo. Comtudo, não triumpharia em Portugal esse sol brilhante, sem a revolta, sem a lucta e sem a perseguição do vencedor contra o vencido.

E' que a transformação social e politica era grande.

Alexandre Herculano, decerto perspicaz e intelligente, pois a sua instrucção é, em grande parte autodidatica, abrangendo a grandeza do movimento que agitava os povos europeus, e o seu paiz, portanto, adheriu, convicto, á causa da liberdade.

E' em 1831, á frente do regimento de infanteria 4, em Lisboa, que elle se patenteia.

Esta revolta falhou, e Herculano começou a ser perseguido. Cioso de liberdade, que só poderia gosar lá fóra, acolheu-se á protecção de extranhos, e uma nau ingleza condu-lo ás costas da Bretanha.

Está agora em Rennes; e frequenta, com notavel assiduidade, a bibliotheca publica d'essa cidade, e os variados e ricos museus.

Estudo methodico e altamente proveitoso é o que elle por lá faz, durante mezes, na Inglaterra e França, até 1832, em que partiu para a Terceira, a incorporar-se na expedição dos 7:500 bravos do Mindello, que tanto se haviam de distinguir no cêrco do Porto.

O liberal convicto e o poeta que cantava a Religião, a Patria e a Liberdade, essa trilogia sublime, devia vir ancioso de combater e de vêr implantada a causa que tão estrenuamente advogava — a Liberdade.

Elle o manifesta bem alto, embora a lucta fosse fratricida:

Eia, servos! O ferro se cruze!
Assobie o peloiro nos ares;
Estes campos convertam-se em mares,
Onde o sangue se possa beber!

Mas, a grandeza da sua alma une vencidos e vencedores, no mesmo laço de fraternidade e de egualdade:

Larga a valla! que apoz a peleja,
Todos nós dormiremos, unidos!
Lá, vingados e do odio esquecidos,
Paz faremos, depois de morrer!

A figura do soldado destaca-se até á heroicidade, a combater nas primeiras fileiras, onde a lucta é mais accesa!

E tanto elle amava a Patria e a Liberdade, tanto estes dois sentimentos calavam fundo no seu espirito, que os livros que tanto o attrahiam e o Paço Episcopal do Porto, onde tinha deveres, não eram capazes de o prender, se a causa da Patria reclamava o esforço do seu braço, no campo de batalha.

Que lhe importava a vida, se os seus irmãos viviam opprimidos?!...

O nome de Herculano toma proporções. Coherente com as suas ideias, abandona, em 1836, o seu logar na bibliotheca publica do Porto, e lá vae, confiado apenas no seu talento, que riqueza não tinha, a caminho de Lisboa.

Tinha jurado a *Carta* e mantinha-se fiel a ella.

Começa agora a apparecer o escriptor e, principalmente, o historiador.

Apparece o 1.º volume da *Historia de Portugal*. E' um emprehendimento extraordinario de que elle se desempenhou tão cabalmente, que ainda ninguem o egualou, sequer.

A celeuma levantada com o deitar por terra do milagre do Campo de Ourique devia dar origem a outras obras, em defeza do auctor do 1.º volume da *Historia de Portugal*.

O historiador caminha a par do romancista, do jornalista e do polemista.

Caminha para o apogeu da sua gloria, que tambem é da Patria, mas caminha para o campo da inveja, do odio, da intriga, que haviam de o fazer retirar para a solidão da aldeia. Fê-lo descrente a corrupção dos homens. Não os podia regenerar.

Nunca mendigou favores, pois a sua vida é só de isenções, mas os outros não o comprehendiam, eram mediocres ao pé d'elle, e só o feriam no que elle tinha de mais nobre—a pureza da alma.

Foi para Valle de Lobos e deixou a sociedade que o não merecia.

*Paulo Stacio.*

**JOSÉ MARIA RODRIGUES,** d'Fixo, encarrega-se de funeraes, fornecendo caixões com a maxima promptidão, para todos os preços e para todos os gostos, e côres de flôres artificiaes, além de muitos outros artigos funerarios.

### AS FESTAS DE NAZARETH

I

(CONTINUAÇÃO)

Dividia-se o baralho em tres cartas por parceiro, depois de se haver collocado tres outras sobre a mesa, e os premios eram distribuidos ás cartas eguaes a essas tres. Era uma coisa singular; monotona como tudo que é innocente, innocente como tudo que é fastidioso. A's senhoras, porém, e esse foi o condão do seu poder, coube alegrar pelas graças da amabilidade um entretenimento, que seria sem ellas o mais pesado supplicio do genero humano!

A noite promettia ser longa, a loteria tinha ares de durar muito, e a minha romaria aconselhava-me que partisse cedo. De mais a mais, retirar depois do chá, a não sahir tarde, é perigoso: ou partir cedo, ou retirar com todos; é a unica maneira de não accusarem um homem de se enfastiar, — como ás viuvas que largam o luto depois de o terem usado além do tempo prescripto, deixando conhecer d'esta fórma o limite da sua dôr!...

A' meia noite, quando justamente eu queria partir, novos inconvenientes, novos transtornos, obstaculos novos se ergueram. O cavallo recolhera tarde, estava ceiando, e só de madrugada devia partir! Conforme se vê, o destino transformára-me todo o dia em victima de machinações occultas: dir-se-ia que inimigos mysteriosos formavam em redor de mim linhas de circumvalação! Tudo parecia encaminhar-se com uma diplomacia traiçoeira a armar-me laços mais imprevistos do que as astucia4 que se referem no livro do *Principe* do Machiavel!...

De madrugada, montei a cavallo, e parti. Estava phrenetico. Sentia em mim o espirito da epoca e o sangue do seculo XIX: o meu sonho era a rapidez, e o cavallo da malhôa, que o sr, Corvo encontrára talvez na flor da infancia. pareceu-me já de uma saude deteriorada, e tão magro, tão magro, que em vez de cavallo... podia ser Jockey, e correr montado num collega!

Das Caldas á Nazareth fazem quatro leguas. Em lhes dizendo que duas são de areal, e que nenhum carro podã vencel-as, já devem imaginar que tive negocio para cinco horas!

A's nove da manhã trepava a ladeira da Barquinha, e de repente parava extatico a espalhar a vista pelo vasto horisonte que d'ali se descobre.

Os arrieiros suspenderam tambemb a marcha, tiraram respeitosamente os barretes, e soltaram n'um tom de fé este simples grito:

—Lá está a Senhora de Nazareth!...

Então, eu vi ao longe a rocha, as torres, as casinhas brancas da praia, os pinheiros da encosta, e o mar debruçando-se, n'um effeito original e novo, em que o ar, o sol, as sombras, brincavam gentilmente.

As barracas da praia estavam ainda armadas.

As ultimas banhistas saiam trémulas do mar, entre ais e sorrisos, entre amuos e graças, entre arrepios e apostrophes...

Era uma tentação dizer-lhes:

—Hontem ainda,—vêdes? hontem ainda, quando os vossos cabellos se annelavam sob os enfeites da

## A miseria

# NA CIDADE DOS MILLIONARIOS

Nova-York, a capital do Milhão, ao despertar nas suas brumas pelas manhãs frias, vê uma turba que parece crescer dos passeios, ser nascida d'elles, a erguer-se. E' uma legião esfarrapada, descalça, macillenta, de cabelleiras emmaranhadas, olhos febris, rostos dedados violentamente pela miseria. Que faminto exercito é esse?! Como vive?! De que revoltas sahiu?! Que massacres vae fazer?!

Toda aquella gente tem fome e não tem casa. São os parias da cidade dos millionarios. São os que estalam de fome ao lado dos bancos atulhados d'oiro, em frente do rei do petroleo archi-millionario, dos varios reis, o do aço, o do trigo, o dos porcos, o dos caminhos de ferro, essas realezas do dinheiro que pullulam no seio da democracia.

Como passam a existencia, o que são os seus dias, onde descançam nas noites?! Juntam-se na affinidade da miseria e devem tambem ter o seu rei, o mais desgraçado de todos. Vagueiam pelos caes, pelas ruas, pelos parques, uns procuram trabalho, outros já não teem força para elle. A superabundancia de braços, a alluvião de machinas, inutilisam uns; a fome constante arrasa os outros. Quando a noite chega, aquelle exercito acolhe-se sob os alpendres, procura o aconchego possivel, mette-se perto das casas das machinas dos jornaes, buscando o calor das caldeiras. Os homens apanham restos dos grandes diarios e envolvem n'elles os pés arroxeados; amantam-se n'esse papel onde por vezes os seus olhos fatigados pódem lêr que se fez mais um *trust*, que a filha do rei de ferro vae casar com um archiduque authentico ou que a neta do rei dos caminhos de ferro em breve se alliará a um principe da velha Europa, com o nome no Gotha e uma dynastia a desenrolar-se no historia.

Ali estão emquanto as tiragens collossaes se vão fazendo. O ruido não os desperta. A's vezes o vento leva-lhes o calçado feito do papel impresso, fustiga-os, irrita-os. Querem segurar o seu abrigo e atamno com cordeis. São extranhos. Lembram reclamos monstruosos ao *New-York Herald*, ao *Morning*, aos grandes periodicos da cidade do Milhão.

Nas manhãs acordam. A fileira forma-se, tudo aquillo se arrasta por instincto até ás portas dos estabelecimentos onde se distribue uma negra tira de pão. E' uma caravana á beira d'um passeio, silenciosa, pallida. desgrenhada e na espectativa. Uma padaria de Broadway, a Fleischmann, dá-lhes meio pão; outra serve-lhes, com os restos do pão da vespera, uma malga de café.

Deve ser um extranho espectalo esse. A cidade começa a mover-se; silvam os comboios, as machinas vão fazendo as suas tarefas, mais felizes do que os homens, alimentadas emquanto elles morrem de fadiga e mal comem; os escriptorios abrem-se; montões d'oiro entram a rolar. A America continua a assombrar o velho mundo, entra nos dominios do phantastico de dia para dia mais. Abrem-se os olhos de pasmo. Sublime paiz de oiro!... A legião engrossa nas orlas dos passeios; os padeiros, receiosos d'assaltos, dão-lhe restos. E' assim. Ao lado da opulencia desmarcada, a mizeria maior!

Mas os miseraveis tambem se repellem; alguns teem os seus logares do costume; installam-se; tomam posse. Aquelle cantinho, junto do calor, na porta d'um jornal é d'um; o angulo do muro é d'outro; os que chegam de novo são recebidos de má vontade. Não ha logar. Que rodem, que vão para outra parte! Então encostam-se ás paredes das casas para se abrigarem do vento; vão estender-se na relva de Madison Square Park. Para ali ficam aguardando a manhã. As chuvas fortes ensopam a farraparia que os envolve e elles, tremendo de frio, unem-se uns contra os outros, n'uma solidariedade d'occasião, no dia seguinte desprezada.

D'aquelles desgraçados muitos são estrangeiros. O sonho da America, mina d'oiro, terra de promissão, onde se entra chorando e d'onde se sahe indifferente ás lagrimas, onde se penetra sem um dollar e d'onde se regressa aborrotado de dinheiro, levou-os para lá, attrahiu-os, e como uma mulher de rosto formoso, que tivesse o corpo cheio de pustulas, vae apodrecel-os.

Então não é ali que um cocheiro chega a rei do trigo?! Não é ali que rolam catadupas d'oiro?!

O desgraçado vê a cidade e vê o egoismo. As portas fecham-se; as janellas aferrolham-se. Em toda a parte ha engenhos contra os ladrões, machinas que os agarram, pistolas que se disparam automaticamente.

Sem recursos, a turba engrossa, a legião torna-se formidavel.

Os homens das mais variadas nacionalidades, vestindo os mais estranhos farrapos, com os mais phantasticos chapéus agrupam-se. Estirados nos passeios, buscando um pouco do calor d'algum estabelecimento, parecem cadaveres n'uma immensa morgue. A rua assassina-os; na rua se expõem. Depois, todos os dias, isto durante annos, passam n'aquelle vaguear; recebem as esmolas dos padeiros e são enxotados das portas dos restaurantes onde se come bem. Mas não haverá forme de acabar com esse espectalo de centenas de homens robustos e válidos, dormindo pelas ruas, recebendo codeas?! Não ha tempo para pensar nisso numa terra onde as horas são dinheiro?! E' um contraste profundo. Tantos homens sem pão, sem roupa, sem leito, ao lado de palacios sumptuosos, de caprichos de millionarios, que transportam as maravilhas da Europa para o seu paiz. Em frente do palacio dos Doges, reconstituido na America, asylam os desamparados, e, entre elles, talvez algum veneziano faminto, ao acordar do seu pesado somno, com os primeiros raios do sol, se julgue ainda na sua patria, a que não póde regressar e chore a aventura que para ali o levou. Como animaes da rua, disputam o menor bocado que encontram; á hora do repouso degladiam-se, e, mesmo na fila, querem o melhor logar, no egoismo dos seus corpos cançados. A cidade do Milhão, onde ha predios de trinta andares, restaurantes que são quarteirões inteiros, tabernas enormes, não tem outro recurso para os seus famintos do que deixal-os dormir sob os hangares e vêr os padeiros e as sociedades de beneficencia distribuirem alguns pedaços de pão aos homens que arrastam a mais miseravel das vidas diante do luxo, da riqueza, dos Bancos cathedralescos, feitos templos do idolatrado dinheiro.

(Da *Illustração Portugueza*)

# Documentos

Archivamos duas das cartas que o deputado Affonso Costa leu na sessão de sexta-feira, a proposito da questão Hinton:

*Meu caro amigo*: — Fallei hoje na estação com o Paçô e o Pequito a respeito do Hinton e do Blandy. Creio que hoje ou ámanhã ficarão resolvidos os assumptos. Bom será pistonar sem descanço o negocio do vapor de pesca que, sem isso, receio nos possa fugir.

Envio a lettra; hoje não posso ahi ir, porque vou sair com el-rei. Amanhã irei.

*Amigo sincero*

*Fernando.*

*

*Santo Amaro, Azeitão, 4 de setembro de 1904.*

*Meu caro Antonio Julio:*

Acabo de receber a sua de hontem, em papel da nossa sociedade, que me pareceu bem, talvez um pouco grandes as letras principaes.

Não posso ir ámanhã a Lisboa porque tenho visita das minhas cunhadas, operarios que mandei vir para as obras e recepção de coisas que veem de Lisboa e quero eu mesmo entregar ao caseiro.

Calculo que na quarta-feira irei ahi, e se el-rei embarcar já não voltarei, porque minha familia tenciona ir para Cascaes no dia 10 ou 12.

Acho extraordinario nada se saber de Londres. Se vejo esse negocio terminado ainda me parecerá um sonho.

Não ha mais nada do negocio de Serpa? Vou escrever ao Simão Arouca, pedindo-lhe instantemente para dar parecer sobre a questão das fabricas da Madeira, porque Hinton deve vir a Lisboa em meiados deste mez e confesso que tenho vergonha de o ver sem lhe termos arranjado o que ella deseja.

Deus encaminhe em bem o negocio do caminho de ferro de Extremoz. Sempre foi ideia minha que Herbert, com as suas relações, seria homem para fazer negocio, por isso lhe fallei nelle de preferencia aos Mozers, que teem o seu nome gasto. O unico inconveniente, visto ser convidada uma casa franceza, é o malandrim do Chapui que, se intervier, talvez valha a pena o Mattos e nós fazermos um sacrificio e dar-lhe alguma coisa a roer.

Lembranças aos socios e um bom abraço do seu amigo sincero.

*Fernando.*

# NOTICIAS PESSOAES

### Estadas

*De visita ao nosso presado amigo sr. Aristisdes Dias de Figueiredo e á sua Ex.ma Esposa, estiveram aqui os srs. Dr. Antonio d'Almeida e Silva Campos de Mello, Padre Bernardino Ferreira Lourenço e Manoel Tavares Ribeiro da Silva, de Oliveira de Frades.*

### Partidas e chegadas

*Vindo d'Africa, chegou aqui o nosso presado conterraneo sr. Manuel Rodrigues Vieira a quem cumprimentamos.*

*—Tambem regressou do Brazil, infelizmente um pouco doente, o nosso amigo e conterraneo sr. Augusto Dias de Figueiredo.*

*Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos e fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.*

*—Com destino a Portugal embarcou em Inhambane (Africa Oriental) o nosso presado conterraneo sr. Augusto Pereira de Figueiredo. Que venha cheio de saude é o que do coração desejamos.*

*—Esteve no ultimo domingo, em Agueda, com o seu filho sr. José Sucena, distincto terceiranista de direito, a sr.ª Condessa de Sucena. S. Ex.as retiraram no mesmo dia para Coimbra.*

### Doentes

*Passa incommodada a sr.ª D. Rosa Amador, da Ponte da Rata.*

*Sinceramente desejamos as melhoras de S. Ex.ª.*

*—Tambem está doente a esposa do nosso conterranco sr. José d'Oliveira Ouca. Desejamos as suas melhoras.*

# DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

**Lisboa, 20**

(PARTICULAR)

Realisou-se no dia 18 o consorcio da snr.ª Joanna Rosa de Rezende, filha do nosso amigo snr. Antonio Marques da Silva, natural d'Azurva mas aqui residente, com o snr. David Alves, natural do Minho.

Paraninfaram o snr. João Simões da Rocha e a snr.ª Maria Luiza.

Depois da cerimonia religiosa, foi servido em casa dos paes da noiva um esplendido almoço.

Findo este os noivos e convidados, quasi todos pessoas de familia, foram passar o dia a Cacilhas, onde jantaram ao ar livre.

Terminando esta ligeira noticia, desejo aos noivos as mais radiosas venturas de que são dignos pelas suas bellas qualidades de espirito e coração.

*Um assignante.*

**Alquerubim, 6**

Hontem e hoje tem estado um calor excessivo, mais proprio do mez de Agosto do que do de Abril.

—O mercado de Oliveirinha esteve hoje muitissimo concorrido de gado vaccum e cavallar, não faltando compradores, até hespanhoes. Appareceram alli boas estampas de cavallos. Era feira de anno.

—No dia 27 celebram-se na egreja matriz de Eixo, exequias solemnes, sufragando a alma da snr.ª D Rosa Fernandes d'Almeida Liborio, fallecida na sua casa de Faro, Algarve, em 15 de corrente.—C.

**Ois da Ribeira, 15**

(RETARDADA)

Vá lá, resolvo-me hoje a pôr de parte a preguiça, para rabiscar duas palavras, aliás sem importancia, sobre esta terra quasi completamente lançada ao abandono pelos poderes publicos. Não lhe faltam, é certo, elementos de valor, mas estes deixam correr o marfim, lembrando-se de que as vidas estão curtas e quem se mata morre cedo...

Ora, passemos adeante.

Estamos em meados de abril, e o tempo continua frio, d'uma invernia pouco vulgar. As plantações estão enfezadas e rachiticas. As videiras não se teem desenvolvido, algumas, que já haviam rebentado, foram muito prejudicadas pelos ultimos vendavaes.

O rio Agueda que estava prestes a dar passagem para Cabanões, voltou a encher, innundando de novo os campos marginaes.

Já que fallei em innundações, aproveito o ensejo para gostosamente annunciar que alguns cavalheiros d'aqui se constituiram em commissão com o fim de angariar donativos destinados á construcção d'uma ponte sobre o Agueda, cuja necessidade é reconhecida por todos.

Foi feliz a commissão, porque viu applaudida a sua iniciativa, revelando o povo d'aqui e de Cabanões muito patriotismo e consciencia dos seus deveres.

Resta, agora, o auxilio dos poderes publicos para que o importante melhoramento possa ser realisado.

Do que se passar informarei os leitores do «Correio do Vouga». — *Juvenal.*

# LISTA DOS SUBSCRIPTORES

***Subscripção*** aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de substencia.

| | |
|---|---|
| *Transporte . . .* | *166$050* |
| *José Rodrigues Laranjeira .* | *500* |
| *Somma . . . .* | *166$550* |

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

**A B C Illustrado**

POR

**ANGELO VIDAL**

A' venda em todas as livrarias.

noite, havia brilho n'esses olhos, côr, vida, elegancia e moda, em cada gesto, em cada attitude, em cada expressão do semblante! E agora, seduzidas talvez pelas brisas da manhã, que se misturaram ao rumorejar da vaga, tomastes o concerto da natureza pelos ultimos sons de uma *serenata*, e pedistes ao mar que vos contasse pela sua voz grandiosa os segredos que a viração vae contar-lhe em cada noite... Imprudentes! A maré cresceu sobre vós, e como um bando d'aves, ides fugindo da onda, depois de a terdes ido procurar!

Fugir! E' tarde agora. A roupa cae-vos sem pregas, pesada d'agua. Não é do sal das lagrimas que os vossos cabellos estão humidos, mas do sal do mar, que vos escorre das tranças... O pé delicado e breve já não tem azas, e vae desgracioso pelo sapato humido, e demorado pela areia que lhe pesa!

Logo, ao cahir da tarde, quando os vossos cabellos enxugarem, os labios retomarão a côr, o olhar a vida, o corpo a graça, sereis bellas outra vez! Andorinhas imprudentes, voltareis com o calor! vós, que fugistes ao chegar do frio!

Como a rosa que abre ao sol as petalas, deixae! deixae que elle vos torne á vida, á felicidade. á belleza, que é tudo em vós! As flôres batidas da manhã hão de tornar-se em *bouquet* da noite, e brilhareis nas salas atravez o bulicio da conservação, dos jogos de prendas, das amabilidades, dos protestos, e da adoravel simplicidade da vida intima. Mas, a essa hora, já a praia estará deserta e triste, cortado o silencio apenas pelo suspirar das ondas, e pelo som do adejar d'azas d'anjos, que se espalhou no ar quando de manhã fugistes!

Então, pobre praia de Nazaretg, a maré ha de encher, crescer, erguer-se, e correr sobre si, que estarás abandonada á tua solidão e á tua melancolia! Oh! maré impiedosa, que és como a fortuna! como a felicidade! como a alegria! como a sorte! como a inconstancia! como a traição! Vae-te, ingrata: tu, que não pódes nunca cobrir uma praia sem abandonares outra!...

Mais tarde, porém, quem sabe? quando a noite se envolver toda no manto, e a sua lua occultar á terra a sua face pallida, os rochedos hão de tremer de deformidade, o vento virá gemer nas ondas; e esta natureza arida só terá um hymno de tristezas, de saudades e de ais! As sombras serão tão densas, que não se possa vêr a rocha nem o mar... E quem estiver na praia, a essa hora, n'esta praia immensa de Nazareth, ha de sentir-se crescer pelo terror, em vez de se abater por elle! E se não vos podér vêr, — andorinhas da manhã, que a essa hora estareis dormindo, sonhando, verá todavia n'essa magostosa solidão alguem, que se avista atravez do espaço, atravez da noite, na casa, no mar, na floresta, no firmamento, que se avista a toda a hora, que está em toda a parte, e que se chama—Deus!

. . . . . .

. . . . . .

*(Continúa)*

JULIO CESAR MACHADO.

Bibliotheca Humoristica

## A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR .. A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do a ctor e cem pequenos artigos de c itica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR. . A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que representam a tyrannia, a explora: ção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE ARVALHO, Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

## SCIENCIA E RELIGIÃO

*Traduzida da 3.ª edição franceza por*

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

*1 volume com 156 gravuvas*

**Preço 500 réis**

## LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

*Ultimas publicações:*

## MANUSCRIPTO

DAS

*ESCOLAS PRIMARIAS*

(Illustrado)

**por Angelo Vidal**

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

**Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.**

**Broch. 120 Enc. 200 reis**

**Desenho Geometrico dos Lyceus,** para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

**Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

**Deposito de Material Escolar**

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares.

**Museu escolar e Mappas Geographicos.**

**Preços muitos reduzidos**

**Para festas das creanças**

## Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

## GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

## LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

**Elaborada segundo os actuaes programmas**

POR

**ALBANO DE SOUZA**

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

**Cartonado 150 réis**

**PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA**—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

**TABOADA** e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

**3.ª edição . . . 100 reis**

## Manuscripto das Escolas Primarias

POR

**Angelo Vidal**

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

## A FAMILIA MALDONADO

POR

*VIEIRA DA COSTA*

E

## OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

*Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.*

## A B C

ILLUSTRADO

POR

*ANGELO VIDAL*

A' venda em todas as livrarias.

**2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100**

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

**A Clero.** A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

**O que é a religião?** Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

**Pão para a bocca.** Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

**Razão, fé, oração.** Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

**(O Bom senso do) A Razão dum Padre.** Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

**Atravez das edades.** Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

**O Seculo e o Clero,** por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

**A mentira religiosa,** por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

PORTO

## TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

*Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos*

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha



# CORREIO DO VOUGA

## (EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

*Redacção e Administração:*
*R. de S. Miguel, 36--PORTO*

3.º ANNO—N.º 18

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Portugal—anno . . . . . | 1$200 |
| « —semestre . . . . | 600 |
| Africa —anno . . . . . | 1$500 |
| Brazil —anno—(moeda forte) . | 2$200 |

PUBLICAÇÕES

| | |
|---|---|
| Annuncios, por cada linha. . | 10 reis |
| Communicados, cada linha. . | 20 » |

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.


CORREIO DO VOUGA
(EIXO)
Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

*Exm.º Snr.*

.....

.....